

## A INFORMAÇÃO ARQUIVÍSTICA COMO SUBSTRATO CULTURAL NA CONSOLIDAÇÃO DA MEMÓRIA COLETIVA

Danielle Alves de Oliveira<sup>1</sup>  
[daniellealvs@gmail.com](mailto:daniellealvs@gmail.com)

**Resumo:** A Arquivologia vem se consolidando no mundo contemporâneo pela necessidade político-científico-social de ordenar e dispor das informações arquivísticas. Nesta perspectiva, os arquivos vêm ganhando cada vez mais importância para a sociedade. Todavia, é necessário que os profissionais da informação acompanhem estas mudanças e compreendam a função primordial do arquivo: dar acesso à informação. Considerando o papel de disponibilizar informação e aliado ao interesse em estudar o arquivo do Núcleo de Arte Contemporânea (NAC) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) sob a perspectiva da memória social, a presente pesquisa tem como objetivo analisar os documentos do NAC/UFPB, sinalizando o seu surgimento no Estado da Paraíba em 1978. Buscou-se caracterizar os arquivos como espaço de saber histórico e fonte de informação, haja vista a necessidade de apresentar à sociedade a sua importância como lugar constituído de sentido para a memória coletiva. Trata-se de um estudo documental, no qual foram selecionados documentos datados de 1978 a 1993, pertencentes ao acervo arquivístico do Núcleo. Como resultado, foi percebido que o NAC instalou-se na Paraíba de forma impetuosa e impositiva, percebido por meio da rapidez de sua implantação e da falta de planejamento futuro quanto a sua manutenção. Porém, é inegável a sua relevância artístico-cultural para o Brasil e, principalmente, para o Estado da Paraíba. Para além das informações acerca do histórico, foi constatado a opulência do arquivo do NAC enquanto detentora de uma memória social, uma vez que os sujeitos se reconhecem naquele espaço consubstanciando na formação das identidades coletivas.

**Palavras-chave:** Arquivo, Informação, Memória Coletiva

### 1 INTRODUÇÃO

A multidiversidade das transformações e inovações ocorridas no mundo globalizado inaugura no presente século a necessidade cada vez mais incessante pelo acesso a informação. Este crescimento vertiginoso veio a qualificar os sujeitos contemporâneos no cerne da “sociedade da informação”.

Neste cenário, Arquivologia vem se consolidando pela necessidade político-científico-social de ordenar e dispor das informações arquivísticas a fim de gerar conhecimento aos seus usuários. A capacidade de transformação da informação em força produtiva é uma das maiores características da sociedade atual. (FREIRE, 2006).

---

<sup>1</sup> Mestranda em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação na Universidade Federal da Paraíba. Graduada em Arquivologia pela Universidade Estadual da Paraíba e em História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú.

A busca pelos centros de informação, e especificamente aos arquivos, vem sendo uma realidade cada vez mais atenuante, todavia, nem sempre os usuários conseguem preencher as suas necessidades informacionais.

Diversos são os motivos, no entanto, destaca-se o descaso das autoridades em fornecer meios para a instalação de centros de cultura aonde a memória arquivística seja contemplada de forma efetiva. Na Paraíba, a falta de incentivo aos arquivos é ainda mais evidente se observarmos o contexto atual dos Arquivos permanentes do Estado.

Outro agravante é a falta de informação e visibilidade das instituições memória do Estado. Conforme assevera Pollack (1992, p. 212), “a memória é um elemento constituinte do sentido de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentido de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si”. Deste modo, o ser humano precisa reconhecer as instituições memória como elemento constituinte de sentido para a aceitação e construção da sua identidade pessoal e coletiva.

Diante do exposto, o presente trabalho pretende apresentar o Núcleo de Arte Contemporânea (NAC) da UFPB como um importante espaço da memória social coletiva do Brasil, e principalmente do Estado da Paraíba, haja vista a sua relevância histórica e artística. Para isso, faz-se necessário entender a História e o contexto de sua instalação de modo a consolidar e fundamentar a importância da sua conservação para a sociedade.

Segundo Duarte (2006, p. 03) “O arquivo possui um universo rico de elementos que devem ser explorados para que se possa ter acesso às variadas possibilidades de acesso à informação”, logo, usaremos, prioritariamente, o acervo primário da instituição para rememorar a História deste espaço e justificá-la como essencial para a manutenção da memória coletiva. Além disso, a opção pela pesquisa documental tem o objetivo de apresentar à sociedade a importância prática dos arquivos e a atender a preocupação social da arquivística: a socialização da informação.

## **2 AMPLIANDO AS RELAÇÕES: informação, arquivo e memória**

A “sociedade da informação” é marcada atualmente pelo expressivo e crescente papel social da informação, tendo como eixo uma nova e hegemônica concepção de desenvolvimento: a produção do conhecimento em um cenário de diversas interpretações por

parte de seus sujeitos sociais. (BARROS; NEVES, 2009). Perpassando este contexto e elevando ainda mais a expressividade da informação na contemporaneidade, vale destacar o desenvolvimento das tecnologias, que aumentam cada vez mais a disseminação da informação fazendo com que a velocidade de propagação rompa com a barreira de lugar e tempo.

Apesar de evidente a importância da informação na sociedade contemporânea é essencial compreendermos este fenômeno de forma ampla, respeitando a sua complexidade e a sua inter relação com outros conceitos, tais como a memória:

A informação é um conjunto de elementos selecionados pelos indivíduos, dentre uma imensa variedade de itens existentes no mundo exterior. Como um embrião, a informação forma e contém (informação). A repetição dessas impressões [conservadas], ao longo do tempo, encarrega-se de transformar itens selecionados de informações em marcas, traços que constituem o que, convencionalmente, chamamos de memória. A memória então conserva as informações que vão sendo retidas num processo de seleção. [...] Nesse sentido, as informações retidas, que passaram pelo filtro individual (que é também social) são organizadas e recriadas no presente, dentro de um processo dinâmico. (COSTA, 1997, p.124).

Diante da relação exequível entre informação e memória, deparamo-nos com outro elemento que carece ter suas congruências evidenciadas: os arquivos.

Conforme remonta a História, os arquivos surgiram da necessidade dos homens pré-históricos em transmitir a memória aos seus sucessores. A priori, Fernandes (2006) afirma que a memória era transmitida palavra por palavra. Com o surgimento da escrita, “essa nova memória sai da esfera biológica do ‘homem memória’, passando a formar instituição-memória, já que o suporte [da mesma] está materializado em uma estrutura perene demandando novas formas de organização e de uso”. (MARTINS, 2002 *apud* FERNANDES, 2006, p. 18).

Perante a gênese dos arquivos, podemos perceber claramente a sua relação indissociável com a memória. Para tanto, o desenvolvimento político-científico-social, presenciado no século XXI, apresenta uma nova postura entre estes entes, aonde, os arquivos não podem ser considerados unicamente, como lugares reservados a salvaguarda da memória, mas, sobretudo, devem ser compreendidos como espaços de referência da produção do conhecimento, que incita a eferescência da informação de maneira dinâmica e atualizada. (BARROS; NEVES, 2009).

Como podemos inferir pelo discurso supracitado, a ciência não é inerte, diariamente os seus paradigmas e teorias vão sendo discutidas e, posteriormente, modificadas a fim de torná-las coerentes com as práticas contemporâneas. Consubstanciando Paes (2006, p. 53) assevera

“assim como a humanidade vem evoluindo técnicas, científicas e culturalmente através dos séculos, também os conceitos [...] sofrem modificações para atender aos desafios de um mundo em mudanças”.

Portanto, buscando acompanhar essas novas concepções e comungando com a Ciência da Informação, corroboramos com a aceção de Barros e Neves (2006, p. 58), ao delinearem como os arquivos devem ser conceituados na atualidade:

[...] arquivo é um sistema de informação social que se materializa em qualquer tipo de suporte, sendo caracterizado, principalmente, pela sua natureza orgânica e funcional associada à memória. Desse modo, a principal justificativa para a existência do arquivo é a sua capacidade de oferecer a cada cidadão um senso de identidade, de história, de cultura e de memória pessoal e coletiva.

Vale enfatizar, portanto, que a memória carece ser vislumbrada para além da compreensão de substrato científico, haja vista a sua condição inerente ao homem. A memória é fundamental para a manutenção da vida em sociedade, já que ela propicia a coesão social através da identidade. Neste sentido, Montenegro (1994) afirma que atualmente a memória é compreendida pelo seu caráter livre, onde lembrar não é reviver, mas refazer, repensar, com idéias de hoje as experiências do passado, com o senso de preservação para garantir a sua disseminação às próximas gerações, levando em consideração sua cultura e identidade.

Portanto, percebe-se que a memória se apresenta como uma questão fundamental na sociedade da informação, uma vez que deixa de ser compreendida de forma genérica para ser vivenciada como inerente a manutenção da coletividade, e para a identificação individual dos sujeitos. Neste contexto, destacam-se os espaços representativos de informação que comumente são denominados de “lugar de memória”.

Os lugares de memória são, antes de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama porque ela a ignora [...]. O que secreta, veste, estabelece, constrói, decreta, mantém pelo artifício e pela vontade uma coletividade fundamentalmente envolvida em sua transformação e sua renovação. [...]. Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea. (NORA, 1993, p.13).

A expressão “lugares de memória” foi criada por Pierre Nora, historiador Francês do século XX. Ele acreditava que os lugares de memória deveriam ser compreendidos a partir de uma tríplice aceção, no que tange: *lugares materiais*, *lugares funcionais* e *lugares simbólicos*. Para Nora (1993), os lugares de memória não são produtos espontâneos; são,

portanto, uma construção histórica, onde o interesse em seu estudo advém do seu valor representativo nos processos sociais.

Os arquivos na sua concepção de difundir a memória através dos seus registros informacionais, configuram-se como lugar de memória para os pesquisadores a fim de realizarem suas pesquisas históricas e, por conseguinte, gerar conhecimento através da socialização da informação.

Nesta perspectiva Barros e Neves (2009, p. 59), asseguram que os arquivos como lugar de “construção do saber é o mediador que permite o acesso do pesquisador ao objeto da pesquisa ampliando, dessa forma, as possibilidades de avanço para o exercício da produção do conhecimento”.

Faz-se necessário ressaltar, porém, que os Centros informacionais, na atualidade, buscam ampliar a sua posição unilateral de guardiões da memória a espera dos cientistas e de suas respectivas pesquisas. Estes espaços servem a toda sociedade, independentes de interesses particulares. Consubstanciar a relação arquivo e sociedade é um dos grandes desafios para os profissionais de informação do século XXI.

Neste processo, torna-se essencial buscar meios de elevar a visibilidade das instituições-memória, para que a população se reconheça como partícipe da história coletiva registrada e conservada nos arquivos e tenha interesse em sua utilização ou até mesmo na sua manutenção. Disseminar e apresentar a sociedade o poder informacional de tal espaço é uma das formas de torná-lo cada vez mais tangível a sociedade, haja vista que quando não temos conhecimento sobre o valor de determinado lugar, ignoramos e deixamos de valorar a sua existência.

Assim, pesquisar a história das instituições-memória e disseminar a sua relevância social para a população é uma das alternativas de estabelecer o elo identificador entre o sujeito e a memória. Neste sentido, retomamos a idéia de Pollack (1992) quando dele afirma que a memória é um elemento constituído de sentido de identidade.

Colaborando a discussão, Fragoso (2008, p. 45) assegura “memória e identidade são inseparáveis porque a memória constrói a identidade que se manifesta como existência da memória”. Portanto, se almejamos que os centros informacionais tornem-se espaços de lazer e cultura, conforme discorre as idéias contemporâneas da Ciência da Informação, devemos contribuir para a construção indentitária entre os indivíduos e os espaços de memória.

Por fim, vale destacar, apesar da vastidão do conceito de cultura, o que discorre Santos (1984 *apud* FERNANDES, 2006, p. 25), onde “cultura diz respeito a tudo aquilo que

caracteriza a existência social de um povo, ou nação, ou então grupo no interior de uma sociedade”. Logo, os arquivos, museus e bibliotecas são igualmente considerados espaço de cultura e, portanto, devem ser valorizados como tal.

### 3 O NUCLEO DE ARTE CONTEMPORANEA NA PARAIBA

A instalação de um Núcleo de Arte Contemporânea na Paraíba, em meados dos anos 70, é um fato bastante instigante, pois a Paraíba não tinha grande expressão no cenário brasileiro, diferentemente dos estados nordestinos da Bahia e de Pernambuco. Deste modo, como explicar a vinda do NAC para a Paraíba?

Segundo relatos encontrados no Arquivo da presente instituição, a vinda do Núcleo estava intimamente ligada à necessidade de propor alternativas de expansão da arte no Brasil, já que o eixo artístico era dominado por dois públicos hegemônicos: cariocas e paulistas. O jornal “O Norte”, publicado em 29 de setembro de 1979 justifica, “fora do eixo Rio – São Paulo não existem maiores alternativas no território Nacional no que se respeita à programação de eventos voltados para as artes plásticas, até o final do ano, à exceção do trabalho desenvolvido pelo NAC”. (CRÍTICO..., 1979). Logo, torna-se evidente a importância deste Núcleo para sociedade brasileira e, principalmente, para os paraibanos, que agora tinham alternativas de expressar-se sem precisar abandonar a sua região em busca de reconhecimento.

Contextualizando a curiosa instalação do NAC e o marasmo que se encontrava no Estado da Paraíba nos anos 70, o crítico de Artes Roberto Pontual, citado pelo jornal “O Norte”, de 29 de setembro de 1979, discorre: “mas resta, ao menos, a esperança derivada de um ano inteiro de generosa e certa atividade na Paraíba, através do Núcleo de Arte Contemporânea da Universidade local um pólo inesperado e exemplar, onde era dona a sonolência”. (*ibid.*)

Mesmo aparentando segurança da necessidade de um pólo de arte no Estado, a instalação se deu em meio a muita insegurança, pois todos sabiam a fragilidade da Paraíba em “manter” tal estrutura. Fortalecendo esta assertiva, Roberto Pontual assevera no “Jornal do Brasil”, em 21 de setembro de 1978:

Embora o surgimento de um espaço alternativo, com intenções tão relamperadoras e situação geográfica tão auspiciosa, pedisse imediato aplausos, conveniente se tornava também, para a saúde futura do novo organismo, encará-lo com olhos críticos a partir do pequeno rol de trabalhos até então acumulados.

[...]

É reconfortante perceber tanta saúde em andamento, especialmente por vir acompanhada da troca da improvisação pela organização. Embora a presença do NAC ainda esteja longe do irreversível e sua consistência possa degradingolar de um momento para outro, não resta duvida de que boas expectativas começam a desabrochar ali. (PONTUAL, 1978)

Apesar da justificativa de buscar alternativas de fugir do eixo Rio – São Paulo, este fato não é decisivo para a vinda do NAC para um estado sonolento e com poucas possibilidades de enraizamento cultural. Certamente, é de se indagar: como se manteria o Núcleo em um Estado pobre somente pela vontade de ousar em novas perspectivas para a Arte no Brasil?

O projeto do NAC foi elaborado por dois grandes representantes da arte no Brasil: Paulo Sérgio Duarte e Antônio Dias, ambos tinham grande influência no Brasil e no mundo, por este motivo, eles foram convidados por Iveraldo Lucena, Pró-reitor para assuntos comunitários da UFPB na época, para idealizarem o projeto.

Tal prestígio foi destacado no primeiro almanaque do NAC:

Não se pode negar, evidentemente, que sem as presenças de Antônio Dias e Paulo Sérgio Duarte no período inicial do NAC tudo estaria por fazer. A Antonio Dias, deve-se hoje as idéias básicas da formação do NAC, por conta do seu prestígio e experiência internacional no campo das Artes Plásticas e, a Paulo Sérgio, a sua dedicação como professor e conferencista durante um semestre na Universidade, permitindo não só a abertura e compreensão desse trabalho mas, acima de tudo, ativando os vários setores acadêmicos pelos problemas e questões da cultura contemporânea. (ALMANAC..., 1980)

Ressaltando ainda mais a influência destes paraibanos, é importante enfatizar que tanto Antônio Dias quanto Paulo Sérgio Duarte, após a criação do Núcleo, voltaram a assumir atividades fora da Paraíba, ausentando-se novamente do Estado. Antônio Dias voltou a morar em Milão ainda no início dos anos 80 e tornou-se, mais tarde, professor da *Staatliche Akademie der Bildenden Künste* na Alemanha; por sua vez, Paulo Sérgio Duarte assume a direção do Instituto de Artes Plásticas da FUNARTE no começo da década de 80; em seguida, tornou-se diretor do Paço Imperial (RJ) e, atualmente, vive como professor na Universidade Cândido Mendes (UCAM) no Rio de Janeiro.

Trazer o NAC para a Paraíba só se torna viável pela grande influência destes paraibanos, no qual se cercaram de amigos e parceiros que fossem capazes de fornecer a infra-estrutura necessária para a consolidação do projeto, haja vista que o Estado por sua



pequena tradição no campo artístico e pelos poucos recursos que dispunha não teria condições de alavancar tal proposta.

Para ilustrar o quão importante foram às parcerias para a vinda do NAC na Paraíba, Roberto Pontual escreveu no “Jornal do Brasil”, na edição de 21 de setembro de 1978, algumas das parcerias que fizeram a vinda do NAC possível, e ainda, transcorre acerca do objetivo da instalação do Núcleo para a Paraíba:

Sentidas de perto as condições ambientais, não foi difícil dar a este núcleo nascente um direcionamento básico, sobretudo a partir do momento e que a Universidade [...] por abrigar o projeto e a Funarte de dispôs a apoiá-lo com recursos financeiros. Assim, o que objetiva a ação do NAC é trazer para a Paraíba, em primeiro lugar, e para o nordeste em segunda instância, um foco de ativação cultural e artística, que alie intimamente atualidade internacional e peculiaridade regional, evitando tanto o puro e simples vanguardismo quanto o cômodo folclorismo. (PONTUAL, 1978).

A vinda do NAC só foi possível graças aos idealizadores, que souberam preparar o ambiente para a instalação do Núcleo. Todavia, é necessário enfatizar que a motivação de possibilitar novas perspectivas para a arte brasileira foi uma razão real, porém não foi fator decisivo para a instalação no Estado da Paraíba.

### 3.1 A HISTÓRIA DE CRIAÇÃO DO NAC

O ímpeto para a criação do NAC surgiu em decorrência a um contexto sócio-político advindo das necessidades de atender um discurso nacional-desenvolvimentista, inclusive nas universidades brasileiras, dentre elas a UFPB. Era necessário modernizar não só as estruturas físicas, mas, sobretudo, atualizar os conteúdos acadêmicos. (JORDÃO, 2009).

Atendendo a esta realidade, a proposta de criação de um núcleo de artes Plásticas (a priori) em João Pessoa foi lançada em meados da década de 70, em um Seminário de Artes que aconteceu no Museu Assis Chateaubriand, na cidade de Capina Grande – PB. Logo, era necessário incitar alguns parceiros que assim como Iveraldo Lucena, Pró-reitor para assuntos comunitários da UFPB, acreditasse que tal projeto seria possível.

Foram convidados para idealizarem o projeto, Paulo Sérgio Duarte e Antônio Dias, dois grandes representantes da arte brasileira, que há anos deixaram a sua região em busca de melhores oportunidades para desenvolverem os seus trabalhos. Alguns meses depois, mais três nomes se juntaram aos já citados artistas, a fim de implementar a proposta definitivamente. Era essencial o apoio dos professores da UFPB, pois eles iriam fazer o NAC



acontecer no dia a dia. Neste sentido, o “Jornal do Brasil” transcorre na edição de 21 de setembro de 1978: “logo se ligaram três outros paraibanos por ali fixados o pintor e programador visual Raul Córdula Filho, o museólogo Francisco Pereira Junior, e o sociólogo Silvino Espínola”, todos locados na Universidade Federal da Paraíba. (PONTUAL, 1978)

Para ilustrar a gênese do NAC, o Jornal “O Globo”, de 16 de abril de 1979, assevera:

[O NAC] nasceu da iniciativa do Pró-Reitor para assuntos comunitários da UFPB, professor Iveraldo Lucena ao convidar Antonio Dias e o Critico Paulo Sergio Duarte, paraibanos ambos, para elaborarem o projeto inicial. Isto em fevereiro do ano passado. Em setembro estava formado o grupo que iria implantá-lo e que inclui além de Dias e Duarte, outro artista plástico e também programador visual, Raul Córdula Filho, hoje coordenador do núcleo. O museólogo Francisco Pereira e o sociólogo Silvino Espínola. (MORAIS, 1979).

O objetivo do Núcleo foi dar alternativas aos estudantes da UFPB, no que tange os estudos de arte. Entretanto, mais do que um laboratório para os alunos de Educação artística, o núcleo visava ser um espaço interdisciplinar, cuja interação de várias ciências agregaria ainda mais valor nas produções artísticas locais. Para atingir este fim, o NAC deveria proporcionar constantes exposições abertas à comunidade local. Assim, ao mesmo tempo em que contribuía para a formação dos alunos da universidade, também colaborava com a reciclagem da arte vista na cidade. (FALCÃO, 2007, p. 01).

Corroborando com a afirmativa acima, trazemos um trecho publicado no jornal “O Globo”, 16 de abril de 1979, onde o jornalista elenca os objetivos do NAC tendo como plano de fundo o documento de criação:

Segundo o documento de criação, o núcleo deverá atuar em cinco frentes principais: a) - produção de eventos e amostras que encontram dificuldades de se realizar, seja pela carência de meios locais, seja pelo caráter não comercial do evento; b) – desenvolver palestras, cursos, seminários, levando a elaboração de projetos de pesquisa que envolvam outros departamentos, outros campos de conhecimento e a própria comunidade. Na medida em que servir como experiência a ser multiplicada em outros locais e instituições. (MORAIS, 1979).

Um Núcleo com tantas atividades carecia de um lugar amplo para exercer seus objetivos, neste sentido foi designado o edifício de n. 275 da Rua das Trincheiras, com área total aproximada em 1.995 m<sup>2</sup>. Neste lugar, funcionou até 1977, a faculdade de Odontologia da UFPB. A casa foi construída por Eduardo Fernandes, comerciante da cidade de João pessoa. Porém em 1909 ela foi comprada pelo governo a fim de servir de residência aos presidentes do Estado, destinação que teve até a Administração de Antônio Pessoa. Após esta

data a casa transformou-se em escola Normal, depois em Diretoria de Saúde Pública, até chegar a abrigar a faculdade de Odontologia, finalidade última antes da instalação do Núcleo de Arte Contemporânea da Paraíba. A casa foi tombada pelo IPHAEP em 26 de agosto de 1980.

Quanto à data de instalação e funcionamento do Núcleo de Arte Contemporânea da UFPB, sabemos comumente que aconteceu em setembro de 1978, conforme indicada na minuta de um parecer de 1980, que apresenta o regimento interno do NAC: “o Núcleo de Arte Contemporânea da UFPB foi criado através da portaria de n. 019/78, em 18 de setembro de 1978”. (UNIVERSIDADE..., 1980b). Entretanto, outras informações foram surgindo ao longo da pesquisa, elencadas abaixo.

Segundo o “Jornal do Brasil”, de 21 de setembro de 1978, na matéria intitulada “O núcleo cresce e amadurece”, Roberto Pontual afirma:

Há um mês e meio estive acompanhando em João Pessoa, a inauguração oficial do Núcleo de Arte Contemporânea, ligado à Pro - Reitoria para assuntos comunitários da Universidade Federal da Paraíba. Disse inauguração oficial porque na verdade, o NAC já vinha de ativa existência [...] de setembro de 1978 e a abertura da mostra de Antonio Dias, a 19 de fevereiro último, representava apenas, quanto ao tempo de vida do Núcleo, um ato mais solene à instalação da sua sede, na antiga biblioteca da Faculdade de Odontologia local. (PONTUAL, 1978).

No que se refere aos aspectos legais, o NAC só é criado definitivamente na UFPB em 08 de julho de 1980, através da resolução de n. 33/80 que dispõem:

Artº 1 – Fica criado o Núcleo de Arte Contemporânea (NAC), com a finalidade de estudar, promover e difundir as artes visuais contemporâneas na Universidade e na comunidade em geral, executar e/ou participar de programas interdisciplinares compatíveis com seus objetivos: manter uma infraestrutura de produção e documentação artística ligada ao ensino, à pesquisa e a extensão.

Artº 2 – O Núcleo de Arte Contemporânea (NAC) tem sede no Campus de João Pessoa, e está vinculado à Pró-reitoria para assuntos comunitários. (UNIVERSIDADE..., 1980a)

Percebe-se que há várias informações conflitantes acerca da instalação do Núcleo, porém não foi possível adentrar neste ponto de forma enfática, pois a documentação do NAC ainda está em processo de identificação e organização, e, além disso, há muitos documentos danificados pelos agentes físicos e humanos.

Diante do exposto, é possível afirmar ainda, que havia uma pressa acentuada para que o Núcleo iniciasse as atividades. Como explicar uma articulação tão grandiosa e ousada em

apenas sete meses? Talvez, o Núcleo já tenha sido pensado a mais tempo do que fora registrado, mas, faltou o incentivo e a articulação que somente artistas conceituados como Paulo Sérgio Duarte e Antônio Dias foram capazes de conseguir.

A manutenção do NAC ficou a cargo da Fundação Nacional de Arte (FUNARTE), responsável em financiar as atividades, visto que o orçamento era superior ao que a universidade dispunha. Para tornar o Núcleo ainda mais dispendioso, havia mais um agravante: não havia na Paraíba professores capacitados a ministrar as atividades que o Núcleo se propunha. Assim, era necessário trazer mestres de outras cidades:

No Departamento de Artes da UFPB não havia professores que trabalhassem nessa área. Foi aí talvez o grande trunfo do NAC e ao mesmo tempo o que fez entrar em decadência. Os diretores tiveram que fazer valer de suas influências no meio artístico para assim trazer exposições de grandes nomes da arte contemporânea mundial e brasileira. Neste período ele daria aulas na Universidade, estaria à disposição dos alunos para estudos da sua obra e montaria o seu projeto de exposição. (FALCAO, 2007, p. 02).

Certamente, um projeto tão ambicioso despertou a curiosidade de diversas personalidades da arte nacional. Logo, estiveram presentes na inauguração oficial os artistas Mário Pedrosa, Carmem Portinho (ex-diretora do MAM-RIO), Alberto Buettenmuller, Ziraldo e Roberto Pontual, este último responsável por diversas reportagens veiculadas no Jornal do Brasil e assíduo visitante do NAC.

Para coordenar o Núcleo nos primeiros anos foi designado Raul Córdula Filho e Silvino Pedrosa Espínola, porém a liberação formal partindo da Universidade Federal da Paraíba só acontece em 18 de abril de 1979 através das portarias de n. 19/79 (liberando Raúl Cordula Filho) e a de n. 21/78 (liberando Silvino Espínola) para exercerem tais funções. No entanto, novamente nos deparamos com informações colidentes, haja vista que em entrevista o funcionário João Arruda Valente diz que a vice-coordenação ficou a cargo de Francisco Pereira: “em 78, quando foi criado [o NAC], assumiu Raul Córdula e Chico Pereira vice; em 82 Raul passa a ser vice e Chico a coordenador”. (VALENTE, 2010)

Buscando findar a dúvida, fomos até o relatório das atividades que abrange de setembro de 1978 a fevereiro de 1980. Neste, temos a seguinte informação: “(...) está aí o NAC sob a coordenação de Raul Córdula Filho, auxiliado por Silvino Espínola e o experiente apoio de Francisco Pereira Júnior”. (ALMANAC..., 1980)

. Além disso, em leituras ao texto de Jordão (2009) ela cita com veemência que em 1979, Chico Pereira foi um dos coordenadores do NAC. Pode-se inferir, portanto, que não

houve claramente uma designação de vice-coordenação entre eles. Sendo o Núcleo coordenado conjuntamente pelos três professores que ajudaram a programar tal projeto.

Para ilustrar esta coordenação conjunta e, por conseguinte a ausência dos idealizadores Antônio Dias e Paulo Sérgio Duarte, segue o relato trazido pelo jornal “O Norte” em 26 de setembro de 1979:

o Núcleo de Arte Contemporânea da UFPB é desde o começo do ano, um dos quase únicos focos de ativação fora do eixo Rio – São Paulo, Já sem contar tão diretamente com a presença de Antonio Dias e Paulo Sergio Duarte, que acionaram a sua criação e o mantiveram aceso na etapa de implantação, o NAC vai agora em frente pelo trabalho dos paraibanos que permaneceram na terra, em particular Raul Córdula Filho, Francisco Pereira Junior e Silvino Espínola.(CRÍTICO..., 1979)

Apesar das dificuldades em compreender a gênese do Núcleo de Arte Contemporânea, é inegável a importância que o presente espaço representou no cenário nacional e principalmente no Estado da Paraíba. Conforme documentos encontrados no arquivo do NAC, é possível compreendermos o funcionamento e a magnitude da proposta da inserção deste espaço onde se encontrava a “sonolência”. Mais do que um lugar para formação dos universitários, o Núcleo foi intensamente aproveitado pela comunidade em geral, que até então não tinha nenhum contato com a arte e com a cultura erudita.

Através do ofício de n. 22/79 enviado em 30 de abril de 1979 ao jornalista Evandro Nóbrega do Jornal “O Norte”, solicitando apoio na divulgação dos eventos, podemos perceber o tamanho da intervenção social do Núcleo:

A comunicação da arte contemporânea ao público é a atividade fim de nossa missão junto a Universidade Federal da Paraíba. [...] Em anexo está o calendário de exposições para maio e junho de 1979. Cada exposição é apoiada por um programa de visitas colegiadas (1º e 3º graus e universitários) e grupos formados na comunidade, onde são proferidas palestras e demonstrações técnicas sobre o material exposto. Temos atendido a uma média de 1000 (mil) pessoas, por exposição, até agora. Esta é a melhor maneira de formar uma clientela visando a criar um centro artístico de alto nível em nossa cidade. Sem o apoio da imprensa será praticamente impossível atingir nossa meta. (UNIVERSIDADE..., 1979a).

Para além das exposições, em entrevista com o servidor João Arruda Valente, o mesmo assegurou que o NAC ofertou vários cursos a população, a exemplo das aulas de serigrafia, pintura e litogravura. A técnica de litogravura consiste em “gravar com material gorduroso a superfície de uma pedra calcária especial, vinda da Alemanha”. (PARAÍBA, 1992). Atualmente, está sendo organizado pelas alunas de Arquivologia, vinculadas ao projeto

de extensão, um grande acervo arquivístico das produções realizadas durante os cursos oferecidos pelo NAC.

“Assim, o Núcleo deslocou o eixo de ativação de novas atitudes e linguagens artística até uma região extremamente conservadora, sendo responsável pela formação de uma geração de artistas na cidade”, que podemos ver atualmente no cenário nacional. (JORDÃO, 2009, p. 1829).

O NAC vivenciou momentos de intensas realizações, porém, em 1985, o projeto entra em decadência. Com o rompimento do convênio firmando com a FUNARTE, não havia recursos financeiros para manter-se, já que os gastos eram enormes devido à contratação de professores temporários e a grande quantidade de materiais e cursos. Contextualizando a data ao cenário nacional, devemos lembrar que em 1985 o Brasil encontrava-se em uma situação complicada financeiramente. Era o período de redemocratização, ou seja, a intervenção dos militares estava chegando ao fim, logo, os projetos do governo foram sendo deixados em segundo plano.

Porém, desde 1983, vários jornalistas e artistas já alertavam acerca da fragilidade da cultura no país, pois esta, não é tida como essencial a população. Se há dinheiro o investimento é feito, todavia, quando falta, a área da cultura é a primeira a sofrer as conseqüências, visto que a mesma seria um luxo e não uma necessidade, ao menos é o que aparenta por meio das ações governamentais. Neste sentido, o “Jornal Correio Brasiliense” trouxe, em 20 de outubro de 1983, a reportagem intitulada “A cultura diante da crise e da falta de verba”:

Haveria condições de se desenvolver um projeto de cultura, neste momento em que o país esta atravessando uma violenta crise econômica e social? Como mudar uma tradição segundo a qual os assuntos culturais, no Brasil, sempre ficam relegados a segundo plano? Estas indagações foram lançadas pela artista plástica Gaúcha Zorávia Bettiol, debatedora do tema ‘Região e regionalismo’. (SIMPÓSIO..., 1983).

Para complicar ainda mais a situação do NAC, durante meados da década de 80, a estrutura física começa a ruir. O prédio onde o Núcleo se instalou já vinha de intensas atividades e com poucos serviços de manutenção. Diante do exposto, a coordenação do NAC, tentou por diversas vezes o apoio da UFPB para custear os reparos. Todavia, não encontramos sinais de ajuda vinda da Universidade, é tanto que segundo Falcão (2007, p. 02) após os incidentes e a falta de apoio financeiro “o prédio passou dois anos sem funcionar”.

Após a sua reabertura, não havia mais interesse dos professores e nem dos artistas em retomar as atividades. O Núcleo foi pouco a pouco sendo esquecido; os fundadores e

idealizadores não estavam mais na UFPB, logo, faltavam pessoas que tivessem o espírito empreendedor e ousado para manter viva a proposta inicial.

O fato referido pode ser facilmente compreendido se olharmos as cronologias das coordenações do NAC, a partir dos anos 90 é possível perceber a falta de motivação dos professores em compor o quadro administrativo do Núcleo. Segue a relação das coordenações segundo informações orais do funcionário João Arruda Valente:

- 1978 a 1982 - Professor Raul Córdula e o Professor Chico Pereira;
- 1982 a 1988 - Professor Chico Pereira e o Professor Raúl Córdula;
- 1988 a 1994 - Professor Luiz Afonso Bernal e o Funcionário José Valdir dos Santos;
- No final de 1994 - Funcionário Severino;
- 1995 - Professor Alarino (fica só três meses na função) e o professor Gabriel Bechara;
- 1995 a 1996 - Professor Gabriel Bechara e a Funcionária Solange Bandeira;
- 1997 a 1998 - Funcionária Solange Bandeira;
- 1999 a 2000 - Professora Livia e a Funcionária Maria José;
- 2000 a 2006 - Funcionária Maria José;
- 2006 a 2009 - Professora Marta Penner e Professor Hugo Penegrino;
- 2010 – até o presente - Professor Marco Damasceno e a professora Marta Penner.

Segundo relatos encontrados em uma carta convite de 1992, é evidente perceber a falta que os idealizadores do projeto ocasionavam para as coordenações subseqüentes:

Mas, está aí o NAC, sob a coordenação de Alfonso Bernal e Valdir Santos, conduzindo fielmente a proposta do projeto de criação. Evidentemente, que sem as presenças de Iveraldo Lucena, ex-pró-reitor/PRAC, Raul Córdula Filho, Silvino Espínola, Francisco Pereira Jr., Antonio Dias e Paulo Sérgio Duarte, no período inicial do NAC, tudo estaria por fazer. (PARAÍBA, 1992).

Nota-se que, apesar de algumas investidas esporádicas das coordenações subseqüentes, o Núcleo se manteve abandonado durante anos. A sua imponente no cenário nacional foi rápida, enfática, porém, passageira. Contudo, não há como esquecer a história de um Núcleo que foi capaz de movimentar toda região e, alterar o consolidado eixo Rio – São Paulo no que tange as produções artísticas.

Sem dúvida, pagamos as conseqüências de trazer o NAC sem qualquer garantia de manutenção futura, pois a proposta foi inegavelmente ousada para uma região sem qualquer estrutura e tradição artística.

Conforme cita Jordão (2009, p. 1828),

A criação do Núcleo representou a consolidação de uma proposta pioneira que unia a pesquisa, a formação e a produção em arte contemporânea de uma forma integrada e dialógica. Nesse sentido, o Núcleo foi desde o princípio um espaço comprometido com a produção e exibição de arte contemporânea, bem como a inserção de novas mídias nas artes plásticas.

Recentemente, o NAC vem tentando se reerguer. Para isso, a coordenação vem investindo em novas exposições, cursos e principalmente aposta no resgate da História do “gigante adormecido”. Neste sentido, a organização dos arquivos e a posterior abertura à comunidade; é um dos passos planejados para que a presente instituição possa ser reconhecida pelo seu inestimável valor histórico e cultural.

Apesar dos anos em abandono e da destruição natural dos documentos, é possível encontrar no NAC diversos documentos sobre a História da Paraíba. Principalmente acerca da ditadura militar e da formação do Estado após a revolução de 30 (este último em relatos, já que o Núcleo só começa a formar o seu acervo em 1978).

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante do exposto, torna-se evidente afirmar que o Núcleo de Arte Contemporânea da UFPB foi um projeto de suma importância para o cenário artístico nacional, apesar de sua atuação eufórica ter sido ligeiramente momentânea.

O declínio do projeto já era esperado por muitos estudiosos e comunicadores da época, devido à falta de planejamento futuro e pelas condições da arte na Paraíba. A universidade nunca dispôs de recursos suficientes para arcar com as despesas geradas, sendo a FUNARTE a principal financiadora. Com o rompimento do convênio e a ausência dos idealizadores que usaram da sua influência no meio artístico para angariar parcerias, o NAC estaria fadado ao abandono.

Todavia, apesar dos anos que se manteve esquecido, o NAC nunca perdeu a sua importância histórica, sendo percebida fielmente na presente pesquisa. O seu acervo, mesmo com as devidas limitações, é sem dúvida um patrimônio inestimável da sociedade paraibana. Nesta perspectiva, reafirmo a sociedade, a importância dos arquivos do NAC para a compreensão da nossa história, tendo em vista a opulência do presente espaço como detentora de memória e imensurável fonte de informação.



Tendo ciência da importância deste arquivo para a memória coletiva da sociedade paraibana, o projeto de extensão “A Gestão da Informação arquivística aplicada à memória histórica no Núcleo de Arte Contemporânea da Universidade Federal da Paraíba (UFPB)” iniciou um trabalho cujo objetivo é preservar a cultura regional paraibana por meio dos processos técnicos arquivísticos aos documentos vinculados às instituições, espaços de memória social.

Destarte, analisar os documentos do arquivo do NAC sinalizando o seu surgimento vai além da necessidade de rememorar essa história, atende a preocupação social da Arquivologia em dispor das informações arquivísticas a seus usuários, mostrando que esta ciência tem aplicabilidade prática, e, portanto, é fundamental para a sociedade. Os arquivos devem servir para gerar conhecimento, e não para ficarem trancados em depósitos abandonados, essa, deve ser a compreensão social de todos os cidadãos acerca da temática. Assim, a presente pesquisa vem para contribuir na formação de uma consciência coletiva no que tange a importância dos arquivos como espaço de memória e fonte de informação.

Por meio desta pesquisa, é notório afirmar a necessidade de cuidar do complexo no qual o NAC está envolvido, para a manutenção da História do povo paraibano. Tal espaço é indescritivelmente admirável, por tudo o que representou para a sociedade e, por tudo o que ainda pode representar.

O trabalho desenvolvido foi certamente um desafio, haja vista que os arquivos ainda estão em processo de identificação. Para tanto, colocar-se na figura de usuária enquanto potencial profissional da informação foi uma experiência fascinante, pois de tal modo, pudemos compreender as ânsias de realizar uma pesquisa com o nosso objeto de trabalho: os arquivos. Segundo Duarte (2006), o arquivista deve exercer concomitantemente a função de profissional e de investigador, pois assim, ele pode compartilhar conhecimento com os demais pesquisadores.

Diante do exposto, reafirmamos a perspectiva social da Arquivologia, haja vista que, mais do que ordenar as informações o arquivista deve ter perfil ativo para contribuir na disposição das informações a seus usuários, transcendendo, portanto, a sua posição enquanto custódios da informação.

## REFERENCIAS

ALMANAC - resumo das atividades do NAC, setembro de 1978 a fevereiro de 1980. João Pessoa: FUNARTE: UFPB, 1980.

BARROS, Dirkene Santos; NEVES, Dulce Amélia de Brito. Arquivo e memória: uma relação indissociável. **Revista TransInformação**, Campinas, v. 21, n. 1 p. 55-61, 2009.

COSTA, Icleia Thiesen Magalhaes. **Memória institucional**: a construção conceitual numa abordagem teórico-metodológica, 1997. 161 f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação)– Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997.

CRÍTICO do sul fala do Núcleo da Paraíba. **O Norte**, João Pessoa, 26 set. 1979.

DUARTE, Zeni. Arquivo e arquivista: conceituação e perfil profissional. **Revista da Faculdade de Letras**, Porto, v. 1, n. 5, p. 141-151, 2006. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6624.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2009.

FALCÃO, Sarah. **Um gigante adormecido**. 2007. Disponível em: <<http://www.overmundo.com.br/overblog/um-gigante-adormecido>> Acesso em: 18 abr. 2010.

FERNANDES, Maria do Socorro Cavalcante. **Artefatos arquivísticos como elemento de memória no arquivo Afonso Pereira**. 2006. 58 f. Trabalho de Conclusão Curso (Bacharelado em Biblioteconomia)–Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.

FRAGOSO, Ilza da Silva. **Instituição Memória**: modelos institucionais de proteção ao patrimônio Cultural e preservação da memória na cidade de João Pessoa-PB. 2008. 139 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)–Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008.

FREIRE, Gustavo. Ciência da Informação: temática, histórias e fundamentos. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.11, n.1 p.6-19, 2006.

JORDÃO, Fabrícia Cabral de Lira. Apontamentos sobre a Arte Conceitual no Nordeste: Paulo Bruscky e NAC/UFPB. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 18., 2009, Salvador. **Anais...** Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2009. p. 1822-1832.

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História oral e memória**. São Paulo: Contexto, 1994. (Coleção Caminhos da História).

MORAIS, Frederico. Antonio Dias: Não acho mais graça no público das próprias graças. **O Globo**, Rio de Janeiro, 16 abr. 1979.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. In: **Projeto História**. São Paulo: PUC, n. 10, pp. 07-28, dez. 1993.

PAES, Marilena Leite. **Arquivo**: teoria e prática. 3.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

PARAÍBA. NAC. **NAC expõe acervo**. João Pessoa: UFPB, 1992. Convite.

POLLACK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

PONTUAL, Roberto. O Núcleo cresce e amadurece. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 21 set. 1978, Caderno 8.

SIMPÓSIO de artes plásticas: a cultura diante da crise e da falta de verba. **Correio Brasiliense**, Brasília, 20 out. 1983.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA. CONSEPE. **Resolução n. 33**, de 08 jul. 1980. João Pessoa: UFPB, 1980a.

\_\_\_\_\_. PRAC. CONSEPE. **Minuta de regimento interno do NAC**, de 14 jul. 1980. João Pessoa: UFPB, 1980. Dossiê contendo documentos cuja data-limite é fev. 1979 – jul 1980b.

\_\_\_\_\_. NAC. **Ofício n. 22**, de 30 abr. 1979. João Pessoa: UFPB, 1979a.

\_\_\_\_\_. PRAC. **Portaria n. 19**, de 18 de abr. 1979. João Pessoa: UFPB, 1979b.

\_\_\_\_\_. PRAC. **Portaria n. 21**, de 18 de abr. 1979. João Pessoa: UFPB, 1979c.

VALENTE, João. **NAC e sua história**: depoimento [jan. 2010]. Entrevistador: Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira. João Pessoa: UFPB, 2010. 2 DVD sonoros. Entrevista cedida ao projeto "A gestão da informação arquivística aplicada à memória histórica no Núcleo de Arte Contemporânea (NAC) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB)"